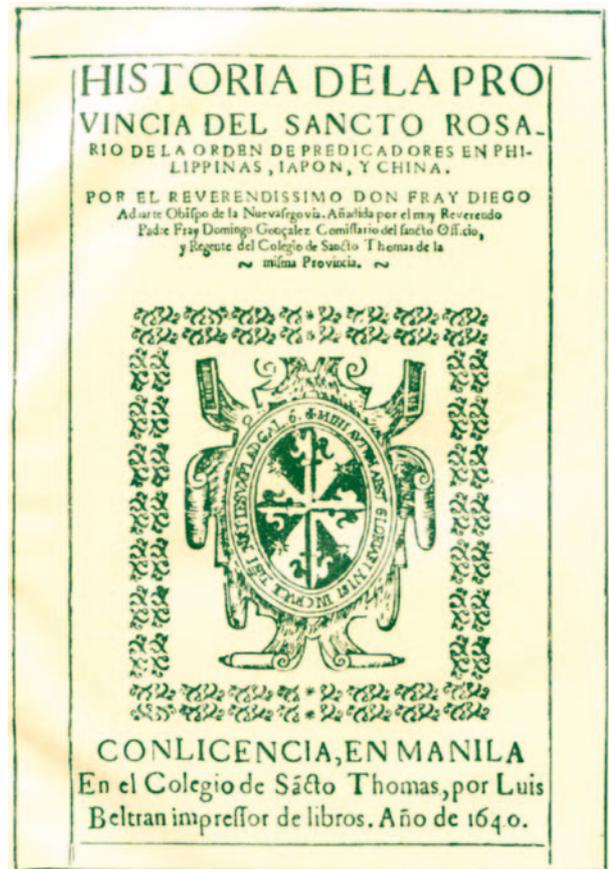


Contactos Ibéricos com as Filipinas nos Séculos XVI e XVII

Breves
Apontamentos
Bibliográficos

RUI MANUEL LOUREIRO*



INTRODUÇÃO

Quando os portugueses conquistaram Malaca, em 1511, aquela praça malaia era então um dos grandes empórios da Ásia marítima, devido à sua estratégica posição geográfica, no exacto ponto de articulação entre, por um lado, as rotas marítimas que cruzavam o Índico e, por outro lado, as rotas marítimas do Mar do Sul da China e áreas adjacentes. Tal como em muitas outras cidades portuárias orientais, também ali coabitavam de forma harmoniosa numerosas comunidades estrangeiras, reunidas por importantes interesses mercantis. O boticário Tomé Pires escreveria

pouco depois na sua *Suma Oriental*, talvez com algum exagero, que em Malaca se falavam mais de oitenta línguas asiáticas, traduzindo nesta expressiva fórmula o extraordinário cosmopolitismo da metrópole malaia, que agora estava sob soberania portuguesa. Entre todas essas comunidades, de acordo com as informações fornecidas pelo tratadista português, existia em Malaca um grupo de mercadores “luções”, originários de uma ilha situada para “além de Bornéu obra de dez dias de navegação”. É o próprio Tomé Pires que, na sua resenha de geografia asiática concluída por volta de 1515, fornece a primeira descrição europeia das “ilhas dos Luções”, a que mais tarde se daria o nome de Filipinas. E é também um cartógrafo português, Francisco Rodrigues, o primeiro europeu que representa estas ilhas, utilizando o topónimo *Lequeoller* num dos vários esboços cartográficos do Sudeste Asiático que preparou por volta de 1512.

As “ilhas dos Luções”, contudo, não suscitaram a atenção dos navegadores portugueses nos anos

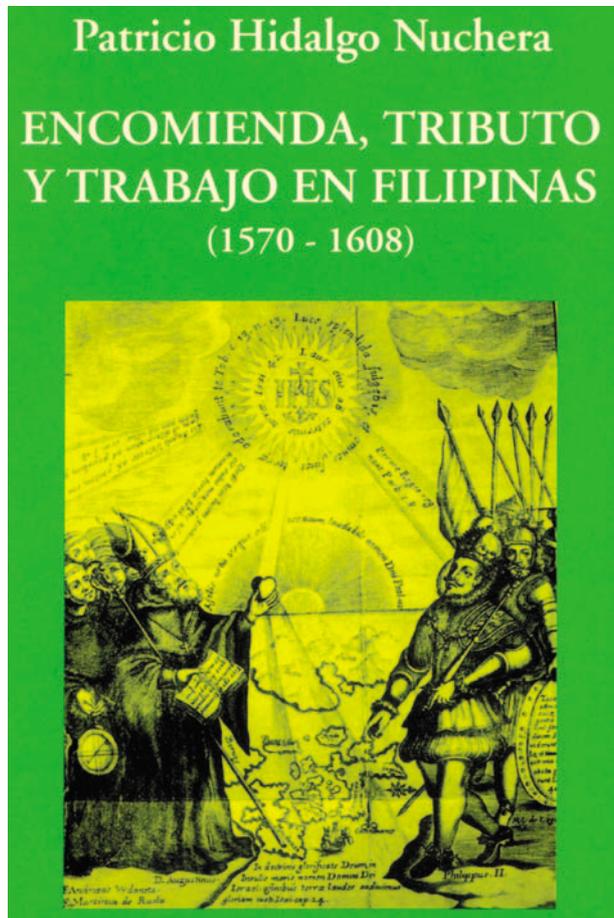
* Doutorado em História pela Universidade de Lisboa, é professor convidado da Universidade de Macau e investigador do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisboa). Actualmente, é bolseiro da Fundação Oriente.

Ph.D. in History, University of Lisbon. Visiting Professor at the University of Macao and researcher at the Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisbon). Currently holds a scholarship from the Fundação Oriente.

RELAÇÕES IBÉRICAS NA ÁSIA ORIENTAL

seguintes. As informações colhidas em Malaca referiam que naquele arquipélago apenas se poderiam obter produtos pouco valiosos, como arroz, mel ou cera; entretanto, tão-pouco davam conta da existência de qualquer grande cidade portuária para aquelas bandas ou da disponibilidade de mercadorias exóticas. E os portugueses, nestes primeiros anos do século XVI, procuravam sobretudo entrar em contacto com centros produtores ou distribuidores de produtos mais valiosos, como drogas e especiarias, sedas e porcelanas, madeiras exóticas e perfumes, metais e pedras preciosas. Que vão encontrar em portos do Sião, do Champá, da China, das ilhas de Maluco, e em tantas outras regiões. A expansão portuguesa era essencialmente uma empresa mercantil, que buscava as melhores oportunidades negociais ao longo dos litorais asiáticos. Nenhuma razão especial, pois, atrairia os portugueses às “ilhas dos Luções”, que, para além do mais, ficavam algo desviadas das principais rotas mercantis seguidas pelos navios portugueses. E as “ilhas dos Luções”, deste modo, permanecem à margem dos grandes entrepostos fortificados e das regulares carreiras mercantis que os portugueses estabelecem um pouco por toda a Ásia marítima ao longo da centúria de Quinhentos.

O primeiro contacto documentado de europeus com as ilhas dos Luções dá-se em 1521, quando uma expedição espanhola, comandada pelo português Fernão de Magalhães, costeia as ilhas mais meridionais do arquipélago e, nomeadamente Cebu e Mindanao, após a primeira e aventureira travessia do oceano Pacífico. Os expedicionários atribuem ao arquipélago o nome de *São Lázaro*, seguindo a prática corrente na época, entre os navegadores da Europa meridional, de atribuírem a terras novamente descobertas o nome do santo celebrado no dia do primeiro avistamento. Este encontro inicial ficaria marcado pela tragédia, pois o próprio Magalhães veio a sucumbir num recontro com os indígenas de Cebu. Alguns dos sobreviventes da primeira viagem de circum-navegação, de regresso à Europa, produziram ou ditaram as primeiras descrições vivenciais das “ilhas dos Luções”, fornecendo ainda informações para a elaboração dos primeiros mapas daquela região oriental. O relato mais desenvolvido da empresa foi redigido pelo italiano Antonio Pigafetta e publicado pela primeira vez em data incerta, entre 1526 e 1534, em Paris, com muitas edições e traduções posteriores. Como seria previsível, *Le voyage et navigation* de Pigafetta continha elaboradas descrições



do ambiente natural de algumas das ilhas do arquipélago de *São Lázaro*, bem como dos usos e costumes dos seus habitantes. Um outro relato da viagem de Magalhães, preparado por um piloto genovês, refere que numa das ilhas de *São Lázaro* os indígenas afirmaram ter sido anteriormente visitados por homens brancos, o que sugere que talvez por ali tivessem passado embarcações portuguesas antes de 1521.

A expedição de Magalhães, tanto do ponto de vista náutico como em termos mercantis, fora um sucesso, de forma que a partir de então a Espanha não mais desistirá de estabelecer uma ligação regular com as longínquas Ilhas das Especiarias, para lá despachando sucessivas expedições (Garcia de Loaisa, 1525-1527; Alvaro de Saavedra, 1527-1528; Ruy López de Villalobos, 1542-1545). Todas estas expedições têm desfechos mais ou menos trágicos, por impossibilidade prática de regressar ao Novo Mundo, com episódios mais ou menos rocambolescos,

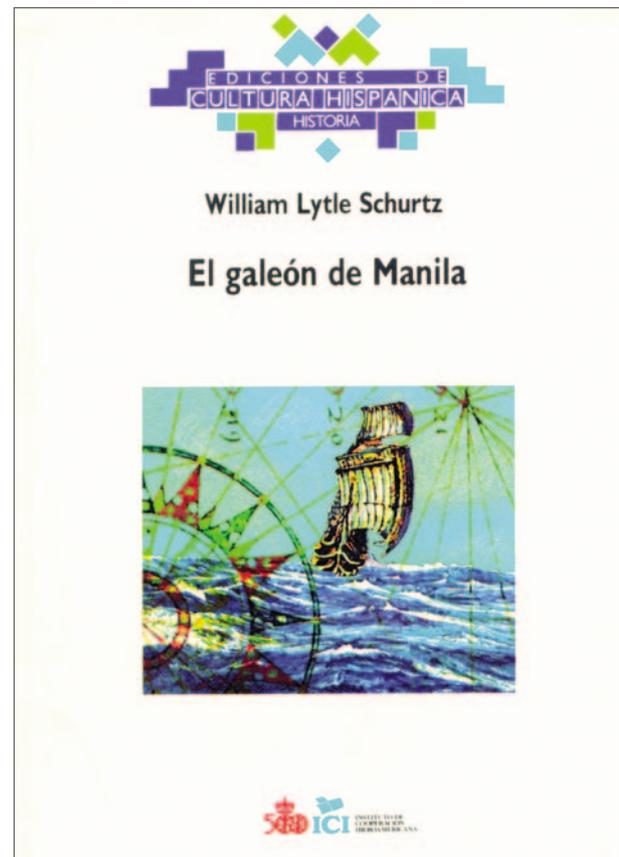
IBERIAN RELATIONS IN EAST ASIA

prolixamente descritos pelos cronistas ibéricos da época. Os portugueses, quer por iniciativa da coroa de Portugal, quer graças aos esforços de aventureiros particulares, ocupavam posições em pontos estratégicos nas regiões que se estendiam para leste de Malaca, estabeleciam alianças com potências locais e envolviam-se em lucrativas carreiras mercantis. A partir de 1521 possuíam uma base firme nas ilhas de Maluco, onde foram recebidas e desactivadas as várias armadas espanholas enviadas a partir da costa ocidental da América. Depois de 1530, navios portugueses começam a frequentar regularmente o litoral da China, acabando eventualmente por atingir as ilhas mais meridionais do arquipélago do Japão em 1542 ou 1543. Enfim, o lucrativo comércio desenvolvido a partir de Malaca, com os portos chineses e japoneses, acabaria por conduzir em 1557 ao estabelecimento permanente dos portugueses na península de Macau, graças a uma conjuntura favorável ao comércio estrangeiro que se vivia então na província chinesa de Guangdong.

As “ilhas dos Luções”, entretanto, não despertam especial atenção aos portugueses. O cronista António Galvão, no seu *Tratado dos Descobrimientos*, publicado postumamente em Lisboa em 1563, refere que em 1545 “um português que se chamava Pêro Fidalgo”, partindo do porto de Brunei com rumo ao litoral da China, arribou com ventos contrários a uma ilha “a que chamam dos Luções”, terra “fresca e bem assombrada”. Trata-se da primeira visita documentada de um português à ilha de Luzon, evento que ficou também documentado na cartografia portuguesa da época. Com efeito, uma carta incluída no chamado *Livro de Marinharia* de João de Lisboa, concluído por volta de 1563, e talvez baseada na obra de Galvão, regista de forma simbólica uma fieira de ilhas na parte mais setentrional do Mar do Sul da China, acompanhada de uma legenda que afirmava tratar-se da “costa de Luções”, por onde passara “Pêro Fidalgo vindo de Brunei num junco de chineses”. A cartografia portuguesa, a partir de então, registará regularmente as ilhas dos Luções de idêntica forma, como se pode verificar em cartas de Lázaro Luís (1563), Sebastião Lopes (c. 1565) ou Fernão Vaz Dourado (1571), reflectindo uma falta de conhecimento concreto daquelas ilhas do Mar do Sul da China.

Em Espanha, entretanto, as notícias da instalação dos portugueses em Macau vão desencadear

uma autêntica corrida à Ásia Oriental, pois a Coroa espanhola não desistia de possuir naquelas partes uma base estratégica, a partir da qual pudesse intervir nos riquíssimos negócios da China e do Japão, que então faziam a fortuna de muitos portugueses. E, em 1564, é despachada do Novo Mundo uma expedição comandada por Martín Lopez de Legazpi, com essa incumbência. E é na sequência desta viagem que o piloto Andrés de Urdañeta consegue descobrir a rota de regresso à América, estabelecendo finalmente uma ligação viável entre o México e as ilhas de São Lázaro, entretanto baptizadas pelos espanhóis como Filipinas, em homenagem ao futuro Filipe II. Poucos anos depois, a Coroa espanhola enviava a Lisboa o seu cosmógrafo Giovanni Batista Gesio, que depois de uma larga estada em Portugal regressa a Madrid com uma preciosa colecção de materiais portugueses sobre a Ásia Oriental, que incluía mapas, roteiros, relações de viagem e tratados descritivos. E os espanhóis dão início a uma carreira regular para as Filipinas, onde se estabelecem rapidamente e em força.



RELAÇÕES IBÉRICAS NA ÁSIA ORIENTAL

Entre 1570 e 1572 transformam a cidade de Manila, na ilha de Luzon, no centro estratégico das suas actividades orientais, avançando com uma colonização em moldes americanos de todo o arquipélago. Os espanhóis dão, entretanto, início às viagens do “galeão de Manila”, carreira que ligará de forma regular, durante séculos, os portos de Acapulco e de Manila, nas duas extremidades do Pacífico. Repare-se, de passagem, no contraste entre os dois modelos imperiais ibéricos: Portugal opta por uma territorialidade mínima, com um funcionalismo incipiente e polivalente, dando prioridade absoluta ao comércio e ao estabelecimento de redes mercantis; enquanto a Espanha atribui primordial importância às possessões territoriais, desenvolvendo uma elaborada administração ultramarina, complementada pelo sistema de *encomiendas*. Mas, independentemente dos modelos de aproximação à realidade asiática, tanto portugueses como espanhóis, assim como outros europeus que com eles colaboram esporádica ou regularmente, alimentam uma verdadeira revolução informativa, inundando a Europa de relatos, de crónicas, de tratados, de desenhos e de atlas sobre as regiões que circundam o Mar do Sul da China, e em especial sobre o mundo das Filipinas, bem como sobre as actividades que os europeus desenvolvem naquelas partes, sobretudo no âmbito missionário. Pois se os religiosos compõem a facção tendencialmente mais culta dos europeus que partem para a Ásia, serão eles também os principais relatores da apropriação intelectual das realidades ultramarinas.

Nos anos imediatamente anteriores a 1580, a Ásia Oriental tinha adquirido uma extraordinária importância para ambas as coroas ibéricas. Portugal possuía bases firmes em Malaca e em Macau, a partir das quais desenvolvia um intenso e lucrativo tráfico mercantil. Lembremos as sedas e porcelanas da China, a prata japonesa, a cânfora do Bornéu, a pimenta javanesa, o cravinho de Maluco, o sândalo de Timor, o calambuco do Camboja e de Champá, e tantos outros produtos. Paralelamente ao movimento comercial, os portugueses sustentam igualmente um prodigioso movimento missionário, que tem a sua pedra fundamental na Companhia de Jesus, presente no Japão desde 1549 e em Macau a partir de 1563. A Espanha, por seu lado, possuía uma base firme em Manila, a partir da qual a conquista territorial e espiritual das Filipinas avançara a bom ritmo, sem encontrar



resistência de maior nas comunidades indígenas, com excepção de núcleos islamizados nas ilhas mais meridionais. Ao mesmo tempo sucedem-se a partir das Filipinas tentativas de intervenção nos mais importantes circuitos comerciais do Mar do Sul da China. A prata americana alimenta um frutuoso intercâmbio com a província chinesa de Fujian, através de contactos providenciados pela importante comunidade *sangley* de Manila. E as autoridades espanholas, através de sucessivas missões diplomáticas, tentam mesmo estabelecer um entreposto firme em território da China, mas sem grande sucesso.

A união entre as coroas de Portugal e de Espanha sob o ceptro de Filipe II, formalizada em 1581, pressupunha uma total autonomia dos espaços ultramarinos. Contudo, onde tal foi possível, houve fusão de interesses e de iniciativas, nem sempre restringidas ao domínio privado. Complementarmente, multiplicaram-se os choques e os confrontos, protagonizados as mais das vezes por autoridades coloniais. No Mar do Sul da China, muito concretamente, assiste-

IBERIAN RELATIONS IN EAST ASIA



-se à formação de um informal triângulo mercantil e militar entre Malaca, Macau e Manila. Portugueses e espanhóis procuram a conciliação de interesses, de forma a maximizarem os benefícios da respectiva presença naquelas partes da Ásia. Os parceiros ibéricos, contudo, encaram de forma desigual as perspectivas e as oportunidades de colaboração. Os portugueses, presentes na Ásia Oriental desde os primórdios do século XVI, continuam a manter ligações estáveis com a China e o Japão, tentando impedir eventuais ingerências espanholas. Mas, ao mesmo tempo, não desdenham a abertura dos portos de Manila aos seus navios. Os espanhóis, por seu lado, ensaiam tentativas de aproximação à China, sempre fracassadas, e ao Japão, parcialmente bem sucedidas.

É no tempo da União Ibérica, que se estende até 1640, que as relações entre Macau e Manila vão conhecer o seu período áureo. Apesar dos interditos régios, multiplicam-se os contactos e as viagens, facilitados pela proximidade geográfica, que se resumia a uma viagem de escassos oito ou dez dias, e pelos

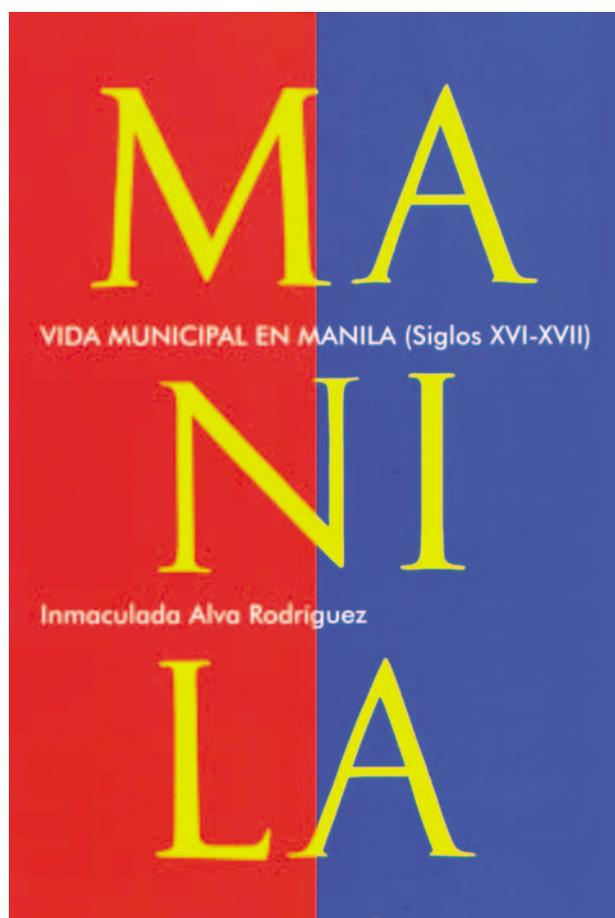
interesses materiais comuns. Não era invulgar navios espanhóis aportarem a Macau, enquanto embarcações macaenses estão regularmente presentes em Manila, onde chega mesmo a existir um representante oficial dos interesses portugueses. Aparentemente, as divergências apenas acontecem quando estão em jogo interesses de ordem missionária, já que os jesuítas do padroado português não abrem mão do seu monopólio da missão na China e no Japão, que começa a ser ferozmente disputados por mendicantes oriundos das Filipinas, nem sempre com bons resultados para ambas as partes. Macau e Manila estão intimamente ligadas por laços marítimos, servindo de pólos de intensa circulação, em direcção à longínqua Europa e em sentido inverso, de homens, navios e produtos, bem como de ideias, técnicas e crenças.

Em finais do século XVI, um factor importante veio contribuir para uma maior coesão luso-espanhola na Ásia Oriental: a chegada dos holandeses àquelas remotas partes. Marginalmente, sublinhe-se que a União Ibérica, sobretudo em regiões ultramarinas, trouxe a Portugal um acréscimo de complicações políticas, militares e diplomáticas, já que a Espanha mantinha uma posição extremamente conflituosa com as potências ascendentes do norte da Europa. Alguns momentos importantes podem ser balizados, como a primeira expedição holandesa à Insulíndia, comandada por Cornelis de Houtman (1595); o início de assédios periódicos a Malaca, Macau, Molucas e Manila (1600);

*Nenhuma razão especial,
pois, atrairia os portugueses
às ilhas dos Luções, que,
para além do mais, ficavam
algo desviadas das principais
rotas mercantis seguidas
pelos navios portugueses.*

o estabelecimento dos holandeses em Java, primeiro em Jacarta, logo em Batávia (1610). Repare-se, de passagem, que os holandeses parecem ter seguido à risca as instruções de Jan Huyghen van Linschoten, que vivera alguns anos em Goa, e que no seu *Itinerario*,

RELAÇÕES IBÉRICAS NA ÁSIA ORIENTAL



publicado em Amsterdão em 1596, apontava a Insulíndia como a região mais propícia a uma aproximação neerlandesa, quer pela fragmentação política dos estados da região, quer pela riqueza em produtos naturais, quer ainda pela fraca implantação militar e naval portuguesa. A partir de 1600, portanto, três grandes forças europeias estão em presença na Ásia Oriental: portugueses, espanhóis e holandeses. Estão em jogo interesses mercantis (e territoriais, no caso espanhol, sobretudo) da maior grandeza, que dão origem a uma complexa história, ainda não totalmente esclarecida, que envolve de forma duradoura e aprofundada tanto Macau e o sul da China, como as ilhas Filipinas.

APONTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS

As relações entre Macau e as Filipinas, curiosamente, constituem um dos “buracos negros” da historiografia ibérica, como se portugueses e espanhóis

respeitassem um implícito Tratado de Tordesilhas historiográfico, que os impede de analisarem as relações mútuas. Apenas recentemente começaram a surgir estudos a respeito desse relacionamento, sobre o qual, entretanto, existe um conjunto de fontes narrativas, documentais e cartográficas praticamente inesgotável, sobretudo em Arquivos de Espanha. O movimento mercantil que ligou ambas as cidades portuárias, sobretudo na época da União Ibérica, necessita urgentemente de renovadas abordagens. Os condicionalismos políticos que rodearam o relacionamento luso-ibérico nas partes mais longínquas da Ásia também merecem toda a nossa atenção, bem como os conflitos inter-europeus que a partir dos primeiros anos do século XVII tiveram por palco o Mar do Sul da China, envolvendo nomeadamente a Formosa e o Japão. Despertam ainda interesse as relações culturais que se desenvolveram entre as Filipinas, Macau e a China, que estiveram na origem de uma intensa produção textual, materializada em crónicas de conquista e missão, em tratados geográficos e etnográficos, em relatos de viagens e de naufrágios. Como forma de contribuir para uma renovação dos estudos históricos em torno do eixo Macau-Manila, aqui se apresentam de seguida alguns apontamentos bibliográficos desprezíveis, que procuram divulgar, por um lado, as principais fontes quinhentistas e seiscentistas disponíveis, muitas delas a aguardar ainda uma exegese cuidada; por outro lado, alguns indispensáveis instrumentos de trabalho, que poderão auxiliar a pesquisa; enfim, por outro lado ainda, alguma da bibliografia que tem sido dedicada, ou que faz referências alargadas, às temáticas em apreço. Como todas as escolhas, também esta pecará por subjectividade.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

Aduarte, Diego. *Historia de la provincia del Santo Rosario de la Orden de Predicadores en Filipinas, Japon y China*. Edição de Manuel Ferrero. 2 vols. Madrid: C.S.I.C., 1962-1963. Crónica missionária do primeiro meio século de presença espanhola na Ásia Oriental, preparada por um religioso dominicano e impressa pela primeira vez em Manila, em 1640. Muitas notícias sobre as relações de Manila com a China.

IBERIAN RELATIONS IN EAST ASIA

Argensola, Bartolomé Leonardo de. *Conquista de las Islas Malucas*. Edição de Alonso Martín. Madrid: Ediciones Miraguano & Ediciones Polifemo, 1992. A 1.^a edição foi impressa em Madrid em 1609. O autor descreve as relações entre as Molucas e a Europa no período anterior a 1606, dedicando particular atenção à geografia e à etnografia dos povos desse arquipélago. Utilizou abundantemente materiais de origem portuguesa existentes nos arquivos reais em Sevilha, parafraseando igualmente textos de João de Barros, António Galvão, Gabriel Rebelo e Diogo do Couto. Recorreu ainda ao *Itinerário* de Linschoten. Trata-se da primeira obra impressa na Europa sobre as Molucas. Algumas referências às Filipinas.

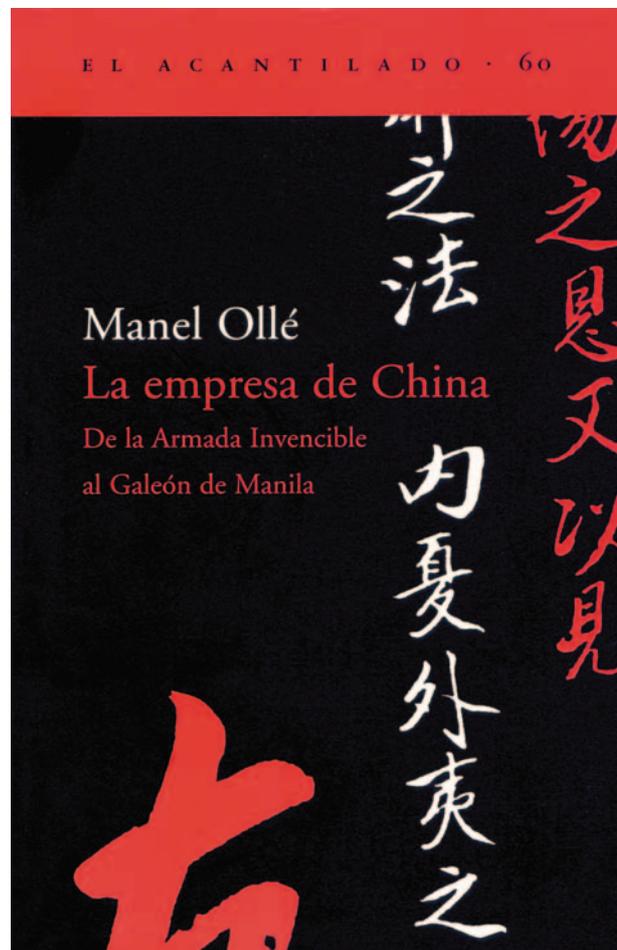
Blair, Emma Helen & Robertson, James Alexander. *The Philippine Islands, 1493-1898*. 55 vols. Cleveland, Ohio: Arthur H. Clark, 1903-1909. Monumental compilação de fontes relativas à história das Filipinas, de origem sobretudo espanhola e portuguesa, geralmente em tradução inglesa. Bons índices. Existe uma reedição recente (Mandaluyong: Rizal Cachos Hermanos, 1973). Obra imprescindível, mas de difícil acesso. Em 2000 foi realizada uma edição reservada em CD-ROM, sem indicação de local ou editor.

Bocarro, António. *Década 13 da História da Índia*. Edição de Rodrigo José de Lima Felner. 2 vols. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1876. Crónica das actividades portuguesas no Oriente, entre 1612 e 1617, que inclui numerosas referências a Macau e às Filipinas.

Boxer, Charles R. (editor). *South China in the Sixteenth Century*. Londres: Hakluyt Society, 1953. A introdução ocupa-se longamente das relações entre Macau e as Filipinas no último quartel do século XVI. A obra inclui uma edição em inglês da *Relação* de Martín Rada, missionário espanhol que em 1575 visitou a China (pp. 241-310).

Carletti, Francesco. *Voyage autour du monde (1594-1606)*. Edição de Paolo Carile. Paris: Chandeigne, 1999. Tradução francesa anotada do aventuroso relato de viagens de um mercador florentino que deu a volta ao mundo, passando por Manila e Macau.

Chirino, Pedro. *História de la provincia de Filipinas de la Compañía de Jesus, 1581-1606*. Edição de Jaume Górriz (Barcelona: Pòrtic, 2000). O autor, que viveu entre 1557 e 1635, foi missionário jesuíta



em Luzon entre 1590 e 1602. De regresso à Europa, concluiu por volta de 1610 esta copiosa história da missão jesuíta nas Filipinas, que é simultaneamente o primeiro tratado etnográfico dedicado ao arquipélago, onde se abordam sucessivamente as práticas sociais e religiosas, a língua, a flora, as produções e as mercadorias. Muitas notícias sobre a China e sobre o relacionamento com Macau. Uma edição resumida foi publicada em Roma, em 1604, com o título *Relación de las Islas Filipinas*.

Colín, Francisco. *Labor Evangélica de los Obreros de la Compañía de Jesús en las Islas Filipinas*. Edição de Pablo Pastells. 3 vols. Barcelona: Imprenta y Litografía de Henrich y Compañía, 1900-1902. Monumental história das actividades da Companhia de Jesus nas Filipinas, originalmente publicada em Madrid em 1663 e aqui reeditada com numerosas anotações, que incluem centenas

RELAÇÕES IBÉRICAS NA ÁSIA ORIENTAL

de referências às relações entre Macau e Manila, com transcrição de numerosos documentos inéditos.

Cortesão, Armando & Mota, Avelino Teixeira da (editores) – *Portugaliae Monumenta Cartographica*. 6 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987. Reedição fac-similada da monumental compilação de cartografia portuguesa originalmente publicada em 1960. Numerosas cartas dos séculos XVI e XVII incluem as Filipinas. O volume VI inclui uma “Adenda” da autoria de Alfredo Pinheiro Marques.

Coutre, Jacques de. *Andanzas asiáticas*. Edição de Eddy Stols, Benjamin Teensma & Johan Werberckmoes. Madrid: Historia 16, 1991. O lapidário flamengo Jacques de Coutre viajou extensamente por toda a Ásia marítima, incluindo extensas porções da Insulíndia e das Filipinas, durante cerca de três décadas, na viragem do século XVI para o século XVII. A sua aventureira autobiografia, *Vida de Jacques de Coutre*, originalmente redigida em português, foi preparada para edição pelo filho, D. Esteban de Coutre, por volta de 1640; contudo, o texto permaneceu inédito até há muito pouco tempo.

González de Mendoza, Juan. *Historia de las cosas más notables, ritos y costumbres del gran Reino de la China*. Edição de Ramón Alba (Madrid: Ediciones Polifemo, 1990). Um dos maiores sucessos editoriais do século XVI, originalmente publicado em Roma em 1585, que conheceu cerca de quarenta edições em várias línguas europeias antes de 1600. González de Mendoza nunca visitou a China, mas conseguiu reunir um volumoso espólio literário, que lhe permitiu dar forma acabada ao mais sugestivo tratado quinhentista sobre o Celeste Império. Utilizou de forma declarada fontes portuguesas e, nomeadamente, os trabalhos de João de Barros e de Gaspar da Cruz, mas também o relato da viagem de circum-navegação realizada pelo missionário espanhol Martín Ignacio de Loyola, que passou evidentemente por Macau e por Manila. Este relato, entretanto, foi pela primeira vez editado autonomamente em Lisboa em 1586, numa raríssima e pouco citada edição: *Itinerario y compendio de las cosas notables* de Juan González de Mendoza. Edição moderna: Martín Ignacio

de Loyola, *Viaje alrededor del mundo*. Edição de Jose Ignacio Tellechea Idígoras. Madrid: Historia 16, 1989.

Hidalgo Nuchera, Patricio (editor). *Los primeros de Filipinas - Crónicas de la Conquista*. Madrid: Ediciones Miraguano & Ediciones Polifemo, 1995. Obra que reúne alguns dos primeiros documentos espanhóis sobre as Filipinas.

Manrique, Sebastião. *Itinerário*. Edição de Luís Siveira. 2 vols. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1946. Interessante relato de viagens de um missionário agostinho português que, entre 1628 e 1640, peregrinou longamente pela Ásia, passando por Manila e Macau. A obra foi originalmente publicada em Roma, em 1649, em língua castelhana, que nesta edição se conserva.

Morga, Antonio de. *Sucesos de las Islas Filipinas*. Edição de Patricio Hidalgo Nuchera. Madrid: Polifemo, 1997. A obra de Morga, que serviu como adjunto do governador das Filipinas (1595-1603), foi originalmente publicada na cidade do México em 1609. Trata-se da única obra de um autor laico publicada sobre o arquipélago antes do século XIX. Obra muito bem documentada, pois o autor, para além de ter experiência vivencial daquelas regiões, conhecia bem a literatura geográfica da época.

Ordóñez de Ceballos, Pedro. *Viaje del mundo*. Edição de Félix Muradás. Madrid: Ediciones Polifemo, 1993. Obra originalmente publicada em Madrid em 1614, cujo autor peregrinou por parte incerta durante trinta anos (1567-1597). Alega ter visitado o Japão, a China e a Indochina, no seu caminho das Filipinas para Espanha. Actualmente, contudo, colocam-se grandes dúvidas à historicidade das suas experiências asiáticas, que se teriam na verdade inspirado na obra já citada de Martín Ignacio de Loyola.

Pigafetta, António. *Primer viaje alrededor del mundo*. Edição de Leoncio Cabrero. Madrid: Historia 16, 1985. Uma das mais recentes edições do mais circunstanciado relato da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, que apresenta as primeiras impressões vivenciais de algumas das ilhas do arquipélago das Filipinas. A obra foi originalmente impressa em francês, entre 1526 e 1534, conhecendo depois muitas outras edições.



ESTA TAVOA TEM BEM

esta he a ilha do reino de lanasarim, nua ilha do liza de
santafa ha laa toda ha sianda das ilhas de timor
banda malaio com todas suas ilhas e liza de tim
a liza de borneo a terra donde ehe emvernado ho ma ga
uamis as ilhas donde ho ma laraom acosta dos lags e lcos
ho reino de cantão ho reino de siam ho reino da china
com todas suas breanias as joias dos ladromis todo ho
lizaom

RELAÇÕES IBÉRICAS NA ÁSIA ORIENTAL

- Pires, Tomé. *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Edição de Armando Cortesão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1978. O primeiro grande tratado português de geografia oriental, preparado por Tomé Pires entre 1512-1515, consagra alguma atenção às ilhas dos Luções.
- Ribadeneira, Marcelo de. *Historia de las Islas del Archipiélago Filipino y Reinos de la Gran China*. Edição de Juan Legisima. Madrid: Editorial Católica, 1947. Religioso franciscano que missionou no Japão, tendo posteriormente passado alguns meses em Macau. A sua obra foi originalmente publicada em Barcelona em 1601. O autor destaca-se pelo facto de descrever áreas normalmente reservadas à missão jesuíta (Japão, Macau e Manila), com base em informações recolhidas junto de religiosos franciscanos e dominicanos.
- San Agustín, Gaspar de. *Conquista de las Islas Filipinas (1565-1615)*. Edição de Manuel Merino. Madrid: CSIC, 1975. Obra publicada pela primeira vez em Madrid em 1698, ocupa-se não só de assuntos missionários, mas apresenta também descrições detalhadas do mundo humano e natural das Filipinas, bem como do processo de ocupação daquelas ilhas pelos espanhóis.
- Solis, Duarte Gomes de. *Discursos sobre los Comercios de las dos Indias*. Edição de Moses Bensabat Amzalak. Lisboa: sem editor, 1943. Obra impressa pelo autor, em edição privada, em 1628, para ser apresentada à Coroa ibérica, como proposta de remodelação da gestão do império asiático. Muitas referências à China e às Filipinas.
2. INSTRUMENTOS DE TRABALHO
- Díaz-Trechuelo, M. Lourdes. *Primary Sources on the History of the Phillipines in Archives and Libraries of Spain*. Manila: Manila Historical Society, 1969. Catálogo de materiais respeitantes às Filipinas existentes em arquivos e bibliotecas de Espanha.
- Hidalgo Nuchera, Patricio. *Guía de Fuentes Manuscritas para la Historia de Filipinas Conservadas en España*. Madrid: Fundación Histórica Tavera & Fundación Santiago, 1998. Recente e importante instrumento de trabalho que, para além de referenciar fundos arquivísticos, indica também instrumentos bibliográficos e guias de investigação na mesma área temática.
- Hidalgo Nuchera, Patricio & Murádas García, Félix. *La Encomienda en América y Filipinas - Su impacto sobre la realidad socio-económica del mundo indígena - Bibliografía*. Madrid: edição de autor, 1999. Recente bibliografia temática, que reúne sobretudo títulos em língua espanhola.
- Leão, Francisco G. Cunha. *Macau e o Oriente na Biblioteca da Ajuda*. Macau: Instituto Cultural de Macau & Biblioteca da Ajuda, 1998. Contém algumas referências às ligações entre Macau e Manila.
- . (coordenação). *Jesuítas na Ásia - Catálogo e Guia*. 2 vols. Macau: Instituto Cultural de Macau & Biblioteca da Ajuda, 1998. Valioso guia da célebre colecção de documentação jesuíta conservada na Biblioteca do Palácio da Ajuda, em Lisboa. A documentação catalogada é constituída sobretudo por cópias setecentistas de materiais originariamente conservados nos arquivos jesuítas de Macau.
- Loureiro, Rui Manuel. *Guia de História de Macau, 1500-1900*. Macau: CTMCDP, 1999. Recente guia de investigação, que contém numerosas referências às ligações entre Macau e as Filipinas.
- Santos, Isau. *Macau e o Oriente nos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995. Numerosas referências a Manila, no contexto do relacionamento com Macau.
- . *Macau e o Oriente no Arquivo Histórico Ultramarino*. 2 vols. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997. Guia de um dos mais importantes arquivos documentais de Lisboa. Numerosas referências às relações entre Macau e Manila no século XVII.
- . *Fontes para a História de Macau Existentes em Portugal e no Estrangeiro*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1999. Catálogo de documentação conservada em Portugal, Brasil, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Índia, Inglaterra, Itália e Tailândia.
- Schutte, Josef Franz. *El 'Archivo del Japon' - Vicisitudes del Archivo Jesuítico del Extremo Oriente*. Madrid: Real Academia de la Historia, 1964. Relata a história de um dos mais curiosos casos de comunicação cultural entre Macau e as Filipinas, com a transferência dos arquivos jesuítas macaenses para Manila e logo depois para a

IBERIAN RELATIONS IN EAST ASIA

Europa. Inclui catálogo dos documentos hoje existentes em Madrid.

Solano, Francisco de; Rodao, Florentino; & Togores, Luis E. (editores). *El Extremo Oriente Ibérico - Investigaciones Históricas: Metodología y Estado de la Cuestión*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1989. Actas de um colóquio, que incluem referências importantes às Filipinas e a Macau, apontando de forma muito exhaustiva arquivos, coleções documentais e pistas de investigação. Especial atenção merecem os artigos: “Bibliografía Española sobre Filipinas en el Siglo XX”, de M. Lourdes Diaz-Trechuelo & outros (pp. 343-382); e “El Galeón de Manila”, de Pedro Pérez Herrero (pp. 445-457).

3. ESTUDOS

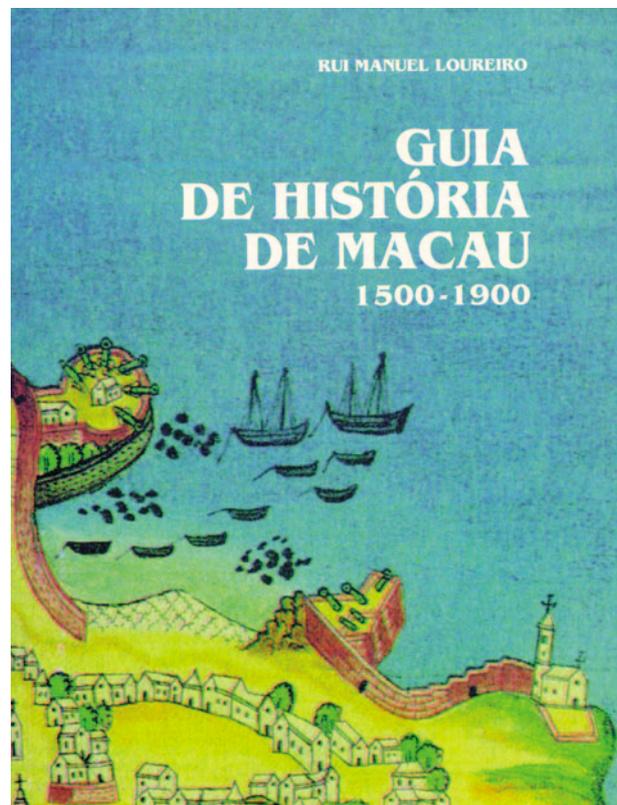
Alva Rodríguez, Immaculada. *Vida Municipal en Manila (Siglos XVI-XVII)*. Córdoba: Universidad de Córdoba, 1997. Importante investigação de história económica e social sobre os primeiros tempos de Manila, com informações importantes sobre a comunidade chinesa.

Boyajian, James C.. *Portuguese Trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993. Estudo fundamental sobre a vida económica de um dos períodos menos conhecidos da história luso-espanhola na Ásia.

Boxer, Charles Ralph. *O Grande Navio de Amacau*. Macau: Fundação Oriente & Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989. Estudo magistral do grande historiador britânico sobre as ligações mercantis entre Malaca e o Japão, que consagra alguma atenção às Filipinas.

———. *The Christian Century in Japan 1549-1650*. Manchester: Carcanet Press, 1993. Estudo fundamental sobre as vicissitudes do cristianismo no Japão, com muitas referências às ligações das Filipinas com o Império do Sol Nascente.

Carré, Dominique; Desroches, Jean-Paul; & Godio, Franck (coordenação). *Le San Diego - Un trésor sous la mer*. Paris: Association Française d'Action Artistique & Réunion des Musées Nationaux, 1994. Magnífico catálogo da exposição dedicada ao naufrágio do navio *San Diego*, afundado na baía de Manila em 1600 e recentemente



recuperado. Variados textos contextualizam o evento.

Chaunu, Pierre. *Les Philippines et le Pacifique des Ibériques (XVI, XVII et XVIII siècles)*. 2 vols. Paris: SEVPEN, 1960-1966. Obra já antiga, mas que continua a merecer atenção, dedicada fundamentalmente aos aspectos económicos.

Costa, Horacio de la. *The Jesuits in the Philippines, 1581-1768*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1967. A mais rigorosa história da presença jesuíta nas Filipinas. Muitas referências à China.

Díaz-Trechuelo, M. Lourdes. *Filipinas – La Gran Desconocida (1565-1898)*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2001. A mais recente e mais acessível história das Filipinas sob domínio espanhol.

Felix, Afonso (coordenador). *The Chinese in the Philippines, 1570-1770*. Manila: Historical Conservation Society, 1966. Colectânea que reúne interessantes estudos sobre a comunidade chinesa de Manila e as relações que manteve com a China.

Gil, Juan. *Mitos y utopías del Descubrimiento*. 3 vols. Madrid: Alianza, 1989. Obra magistral do grande historiador espanhol, baseada numa vastíssima

RELAÇÕES IBÉRICAS NA ÁSIA ORIENTAL

pesquisa arquivística, efectuada sobretudo no Archivo General de Indias, em Sevilha. O segundo volume é dedicado ao Pacífico. Muitas referências ao relacionamento entre Macau e as Filipinas. Numerosas pistas de investigação, acompanhadas de referências a muita documentação ainda inédita.

———. *Hidalgos y samurais - España y Japón en los siglos XVI y XVII*. Madrid: Alianza, 1991. Edição crítica dos principais textos que os espanhóis dedicaram ao Japão, acompanhada de amplas anotações e de introdução contextualizante. Numerosas referências às Filipinas e aos conflitos entre missionários portugueses e espanhóis.

Girard, Pascale. *Os Religiosos Ocidentais na China na Época Moderna*. Macau: CTMCDP, Fundação Macau & Instituto Politécnico de Macau, 1999. Recente investigação sobre a missão europeia na China nos séculos XVI a XVIII, que toma em devida conta os materiais e as actividades das ordens mendicantes. Coloca, assim, em questão a predominância jesuíta que é tradicionalmente aceite pela historiografia moderna.

Hidalgo Nuchera, Patricio. *Encomienda, Tributo y Trabajo en Filipinas (1570-1608)*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid & Ediciones Polifemo, 1995. Recente trabalho de história económica, que investiga as primeiras décadas da presença espanhola nas Filipinas.

Iwasaki Cauti, Fernando. *Extremo Oriente y Perú en el siglo XVI*. Madrid: Mapfre, 1992. Explora as relações, sobretudo económicas, entre a América e as Filipinas, com inevitáveis ligações à China.

Knauth, Lothar. *Confrontación transpacífica - El Japón y el nuevo mundo hispánico, 1542-1639*. México: UNAM, 1972. Importante investigação, que explora as ligações entre o Novo Mundo, as Filipinas e o Japão.

Lourido, Rui D'Ávila. *A Rota Marítima da Seda e da Prata: Macau-Manila, das Origens a 1640*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1995. Dissertação de mestrado que se ocupa das relações económicas entre Macau e Manila no período da União Ibérica, ainda inédita, mas que deu origem a um recente resumo preparado pelo autor: "The Portuguese, the Maritime Silk Road and Macao's Connection with the Philippines in the Late Ming

Dynasty". *Revista de Cultura*, Edição Internacional (Macau), n.º 2, 2002, pp. 25-46.

Meilink-Roelofs, M.A.P. *Asian Trade and European Influence in the Indonesian Archipelago between 1500 and about 1630*. Haia: Martinus Nijhoff, 1969. Obra clássica, e fundamental, da historiografia ultramarina moderna, que analisa as transformações provocadas pelos europeus na vida marítima e mercantil do Sudeste Asiático.

Ollé, Manel. *La invención de China - Percepciones y estrategias filipinas respecto a China durante el siglo XVI*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000. Recente e importante estudo das imagens da China transmitidas pela literatura espanhola, sobretudo com mediação das Filipinas.

———. *La empresa de China - De la Armada Invencible al Galeón de Manila*. Barcelona: Alcantilado, 2002. Recentíssima investigação, que se ocupa dos projectos espanhóis de relacionamento com a China a partir das Filipinas.

Phelan, John Leddy. *The Hispanization of the Philippines - Spanish Aims and Filipino Responses, 1565-1700*. Madison, Milwaukee: The University of Wisconsin Press, 1967. Rigoroso e documentado estudo do processo espanhol de colonização das Filipinas.

Pires, Benjamim Videira. *A Viagem de Comércio Macau-Manila nos Séculos XVI-XIX*. Macau: Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1987. Reedição de um artigo originalmente publicado no *Boletim do Instituto Luís de Camões* de Macau, em 1971, que é um dos poucos estudos portugueses sobre o tema.

Prieto, Ana Maria. *El Contacto Hispano-Indígena en Filipinas según la Historiografía de los Siglos XVI y XVII*. Córdoba: Universidad de Córdoba, 1993. Exaustiva e original pesquisa sobre as imagens e notícias do mundo filipino que se encontram na literatura historiográfica espanhola dos séculos XVI e XVII.

Sanz, Carlos. *Primitivas relaciones de España con Asia y Oceanía*. Madrid: Librería General Victoriano Suarez, 1958. Ocupa-se das relações, sobretudo literárias, entre as Filipinas e a China, reproduzindo em fac-símile alguns dos primeiros impressos sobre a China produzidos em Manila, nos séculos XVI e XVII.

Schurtz, William L.. *El galeón de Manila*. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1922.

IBERIAN RELATIONS IN EAST ASIA

- Tradução espanhola do célebre clássico americano *The Manilla Galleon* de 1939, enriquecida com prólogo e anotações de Leoncio Cabrero. Trata-se, ainda hoje, de uma monografia fundamental.
- Souza, George Bryan. *The Survival of Empire - Portuguese Trade and Society in China and the South China sea, 1630-1754*. Londres: Cambridge University Press, 1986. Rigoroso e documentado estudo sobre a presença portuguesa no Mar do Sul da China, focando sobretudo aspectos de carácter social e económico. Muitas referências às ligações Macau-Manila. Existe uma tradução portuguesa algo deficiente: *A Sobrevivência do Império - Os Portugueses na China, 1630-1754* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991).
- Spate, O.H.K.. *The Spanish Lake*. Canberra: Australian National University Press, 1979. A mais rigorosa e bem documentada síntese sobre as actividades espanholas no Pacífico ao longo do século XVI.
- Suárez, Thomas. *Early Mapping of Southeast Asia*. Hong Kong: Periplus, 1999. Inclui capítulos sobre as primeiras representações cartográficas europeias das Filipinas, produzidas por portugueses, espanhóis e holandeses.
- Torre Villar, Ernesto de la (coordenador). *La expansión hispanoamericana en Asia - Siglos XVI y XVII*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980. Importante conjunto de artigos que se debruçam sobre variados aspectos das relações ibéricas com a Ásia, quer por via portuguesa, quer por via espanhola. Especial referência para o artigo de M. Lourdes Diaz-Trechuelo, “Relaciones en Oriente en la Edad Moderna” (pp. 134-148), que trata das relações entre as Filipinas e a China.
- Valladares, Rafael. *Castilla Y Portugal en Asia (1580-1680) - declive imperial y adaptación*. Lovaina: Leuven University Press, 2001. Recentíssima investigação sobre o relacionamento entre Portugal e Espanha na Ásia, com numerosas referências ao relacionamento Macau-Manila.
- Valdés Lakowsky, Vera. *De las minas a la mar - Historia de la plata mexicana en Asia, 1565-1834*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987. Estuda o comércio da prata mexicana em direcção às Filipinas e à China.
- Veen, Ernst van. *Decay or Defeat? An inquiry into the Portuguese decline in Asia, 1580-1645*. Leiden: Universiteit Leiden, 2000. Recentíssima e inovadora investigação sobre a presença portuguesa na Ásia, e o relacionamento entre portugueses e holandeses, no tempo da União Ibérica.
- Villiers, John. “Portuguese Malacca and Spanish Manila: Two Concepts of Empire”. In *Portuguese Asia: Aspects in History and Economic History (Sixteenth and Seventeenth Centuries)*. Edição de Roderich Ptak. Stuttgart: Steiner Verlag Wiesbaden, 1987, pp. 37-57. Trabalho extremamente interessante, de natureza comparativa, que mereceria ser aprofundado.
- Yuste López, Carmen. *El comercio de la Nueva España con Filipinas, 1590-1785*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1984. As Filipinas como entreposto de negócios entre o México e a China. 